

## ARRAIAS E CORRUTELAS

AROLDO DE AZEVEDO

*No presente trabalho, o autor desenvolve um dos aspectos já focalizados ao tratar dos Embriões de cidades brasileiras ("Boletim Paulista de Geografia", nº 25, março de 1957), procurando demonstrar como os fatos da Geografia Urbana podem se repetir no tempo como no espaço.*

A palavra "arraial" e sua evolução semântica. — Nos dias que correm, a palavra *arraial* vem sendo cada vez menos empregada em nosso país, podendo-se afirmar que o homem do povo, habitante das cidades ou das áreas rurais, já não mais a utiliza. Trata-se de um vocábulo quase erudito; e, quando se o emprega em linguagem literária, aparece designando o lugarejo, a aldeiola, a pequena povoação (1).

Tal significado (tido como um brasileirismo pelos dicionaristas) veio se acrescentar a outros muitos que conheceu em sua evolução semântica.

Com efeito, primitivamente, a palavra *arraial* significava "exército posto em campanha" e, por extensão, "o sítio do acampamento, aonde estão as tendas e barracas"; em seguida, veio a significar o "alojamento de qualquer corpo volante" e a "aglomeração de gente em qualquer parte" (2).

Modernamente, passou a indicar "o lugar para onde se concorre em romaria" ou "em que se ajunta muita gente, como em festas rurais, e aonde há tavernas e abarracamentos"; a "festa campestre, com abarracamentos de comestíveis, música, iluminação, foguetes"; a "aglomeração festiva de povo; lugar em que se juntamromeiros

(1) Cf. FIGUEIREDO (Cândido de), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Liv. Clássica Editora, Lisboa, 1913, vol. I, pág. 161; MAGALHÃES (Alvaro), *Dicionário Enciclopédico Brasileiro Ilustrado*, Liv. do Globo, Porto Alegre, 1943, pág. 144; DIVERSOS, *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, 9.ª edição, Liv. Civilização Brasileiro, Rio de Janeiro, 1951, pág. 114; FREIRE (Jauuelino), *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, ed. "A Noite", S.A., Rio de Janeiro, 1939, vol. I, pág. 739; CARVALHO (J. Mesquita de), *Dicionário Prático da Língua Nacional*, Liv. do Globo, Porto Alegre, 1945, pág. 89; SOUZA (Bernardino José de), *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*, 4.ª edição, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1939, pág. 19.

(2) VIEIRA (Frei Domingos), *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, ed. Charlton e Moraes, Porto, 1871, vol. I, pág. 564.

e em que há tendas provisórias, abarracamentos de comestíveis, ornamentações, música, etc.”; o “ajuntamento festivo de povo, lugar onde há festejos e aglomeração popular” (3).

Em Portugal, atualmente, parece ser este sentido moderno o predominante. Todavia, é o primitivo sentido que nos interessa, no presente estudo, pois foi dentro dele que o vocábulo *arraial* apareceu com mais frequência no Brasil colonial, particularmente nos séculos XVII e XVIII.

Com o significado puramente militar, de corpo de exército em campanha, encontrámo-lo na obra de Frei VICENTE DO SALVADOR, por exemplo, quando relata a luta entre portugueses e holandeses ao disputar a posse da cidade do Salvador (4). Tal característica apresentava, sem dúvida alguma, o famoso *Arraial do Bom Jesus*, cuja presença deixou marcas indeléveis na guerra com o invasor flamengo, em Pernambuco.

Deve-se, porém, à força expansionista do Bandeirismo minerador a extraordinária difusão da palavra, tomada num sentido menos rígido e significando o acampamento de um corpo volante, uma aglomeração de gente em caráter mais ou menos provisório.

O espírito arguto de SAINT-HILAIRE compreendeu e anotou muito bem esse significado, ao observar que o vocábulo era desusado em Santa Catarina, bem ao contrário do que sucedia em Minas Gerais. “A palavra *arraial* — escreveu o sábio viajante francês —, em seu verdadeiro sentido, significa um local de acampamento, porque, na realidade, os primeiros mineradores não faziam mais do que acampar; entretanto, a grande quantidade de ouro por eles encontrada em certos lugares levou-os a aí se fixarem, e a palavra *arraial* acabou, pouco a pouco, por perder sua primitiva significação” (5).

Na verdade, acreditamos que no dia em que se fizer um mapa do Brasil com a localização de todos os aglomerados que receberam o designativo de *arraiais*, nada mais teremos do que um mapa da expansão do Bandeirismo minerador.

**Os arraiais do Bandeirismo.** — Os primeiros *arraiais*, com o caráter de núcleos de povoamento, remontam aos fins do século XVI, quando as instruções régias autorizaram os chefes das pri-

(3) Cf. VIEIRA (Frei Domingos), obra citada, vol. I, pág. 564; AULETE (Caldas), *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1881, tomo I, pág. 143; FIGUEIREDO (Cândido), obra citada, vol. I, pág. 161; FREIRE (Laudelino), obra citada, vol. I, pág. 739.

(4) SALVADOR (Frei Vicente do), *História do Brasil (1500-1627)*, 3.<sup>a</sup> edição, Comp. Melhoramentos de São Paulo, págs. 542, 547 et passim.

(5) SAINT-HILAIRE (Auguste de), *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte Catherine*, Lib. Arthus Bertrand, Paris, 1851, vol. II, págs. 243-244.

meiras “entradas” para o sertão a fundá-los, separados uns dos outros por uma distância mínima de 50 léguas e destinados a garantir a segurança dos caminhos (6). Dêsse tempo e com essa função teria sido o arraial que mais tarde tomou o nome de *João Amaro*, aglomerado urbano ainda hoje existente no planalto da Bahia.

Indiscutivelmente, porém, coube aos Bandeirantes paulistas a grande tarefa de disseminar êsses embriões de cidades, sem outras restrições que não fosse a vontade de seus chefes.

Violadores de sertões e plantadores de cidades — conforme as expressões do poeta; “no heroísmo cotidiano da luta contra o Obstáculo, vivo ou inerte, que a cada passo lhes armava a natureza hostil e agressiva” (7); “entranhando-se por aqueles imensos sertões sem outra bagagem mais que a pólvora e a bala, sem outro rumo mais que o do acaso, descobrindo neles tôdas as minas de ouro e pedrarias que possuímos, e que tanto têm enriquecido aos seus posteriores, ficando êles e seus descendentes pobres” (8); dominados pela febre do ouro, pela vertigem mineira, que dêles se apoderara como uma pandemia (9); deixando em suas vilas e cidades natais apenas os velhos, os doentes, as mulheres e as crianças — os Bandeirantes pontilharam de arraiais as montanhas de Minas-Gerais, os planaltos da Bahia e do Sul de Goiás, como também as terras afastadas de Mato-Grosso.

Contraditando OLIVEIRA VIANNA — que vira na Bandeira um “fragmento do latifúndio” (10), CASSIANO RICARDO considera-a, por excelência, um “fenômeno urbano”, pois teve origem na vila ou cidade e acabou por dar nascimento a inúmeras outras cidades e vilas (11); chega mesmo o historiador-poeta a afirmar que “cada Bandeira, por sua vez, é uma cidade errante que lá se vai” (12). Para VIRGÍLIO CORREIA FILHO, “a Bandeira afigurava-se um organismo social em marcha, com o seu chefe, sub-chefes, plebe e escravidão” (13) —, tese esta que parece pelo menos discutível, na opinião de AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO (14).

(6) Cf. VASCONCELOS (Diogo de), *História Antiga das Minas Gerais*, ed. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1948, vol. I, pág. 28.

(7) PRADO (Paulo), *Panlística*, ed. Monteiro Lobato, São Paulo, 1925, pág. 64.

(8) ALMEIDA (Francisco José de Lacerda e), *Diários de Viagem (1789-90)*, ed. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1944, pág. 100.

(9) PRADO (Paulo), obra citada, pág. 77.

(10) VIANNA (Oliveira), *Populações Meridionais do Brasil*, ed. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1952, vol. I, pág. 113.

(11) RICARDO (Cassiano), *Marcha para Oeste (A influência da Bandeira na formação social e política do Brasil)*, ed. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1940, pág. 407.

(12) RICARDO (Cassiano), obra citada, pág. 408.

(13) CORREIA FILHO (Virgílio), *O Bandeirismo na formação das cidades*, em “Curso de Bandeirologia”, ed. Departamento Estadual de Informações, São Paulo, 1946, pág. 40.

(14) FRANCO (Affonso Arinos de Mello), *A sociedade bandeirante das Minas*, em “Curso de Bandeirologia”, cit., pág. 82.

Aos olhos do geógrafo que pretenda estudar essa fase movimentada de nossa História, interessa muito mais reconhecer certos fatos, a respeito dos quais os especialistas da Bandeirologia estão mais ou menos de acôrdo. Cumpre-nos, pois, reuni-los e apontá-los.

Em primeiro lugar, não resta a menor dúvida que os Bandeirantes polvilharam de arraiais larga extensão de nosso país, até então inexplorada e habitada por índios. Ainda na primeira metade do século XVII, surgiram os primeiros arraiais nas lavras auríferas da Baixada Paranaense, graças à corrente povoadora partida de São Vicente, que não tardou a alcançar o planalto de Curitiba; foi assim que surgiram os embriões das atuais cidades de Paranaguá, Antonina e da própria capital paranaense (15).

Nas montanhas de Minas-Gerais, os mais antigos remontam à segunda metade do seiscentismo e foram fundados pela célebre Bandeira de Fernão Dias: o arraial de *São Pedro do Paraopeba*, mais tarde chamado Santana do Paraopeba, hoje vila do município de Belo Vale, não longe de Belo-Horizonte; o arraial do *Sumidouro*, na região de Lapinha, também próximo à atual capital mineira, onde hoje se acham os povoados de São João e de Nossa Senhora do Monserrate; e o arraial do *Ibituruna* ou *Ibitiruna*, mais tarde denominado São Gonçalo do Ibituruna, não longe de São João del-Rei (16).

Todavia, foi a partir da última década do século XVII que se verificou a impressionante multiplicação dos arraiais. Surgiram às dezenas, próximos ou afastados uns dos outros, guardando muitos deles, em seus nomes, a lembrança dos paulistas que os fundaram: Antônio Pereira, Padre Faria, Camargos, Bento Rodrigues, Gama, Raposos, Mateus Leme, Antônio Dias, etc. (17), — em terras do Planalto Atlântico como do Planalto Central.

O segundo fato que se constata é que inúmeros foram os arraiais do Bandeirismo que vieram a se tornar vilas e, depois, cidades. Naturalmente, ninguém pode negar que muitos desapareceram tão logo se esgotou o ouro que lhes havia dado origem e vida intensa; tal fato se registrou na fase inicial desse Bandeirismo minerador, quando apenas se explorou o chamado "ouro de lavagem", retirado do cascalho e das areias dos cursos d'água. No entanto, quando os mineradores puzeram-se a explorar os filões auríferos, perfurando o solo mineiro, cessou o caráter precário de tais povoados e teve início o que ALFREDO ELLIS JÚNIOR chamou de "Bandeirismo sedentário e minerador" (18). Foi exa-

(15) Cf. MARTINS (Romário), *História do Paraná*, Editora Runo Ltda., São Paulo, 1939, págs. 283 e seguintes.

(16) FRANCO (Affonso A. de Mello), obra citada, págs. 86-87.

(17) FRANCO (Affonso A. de Mello), obra citada, pág. 88.

(18) ELLIS JÚNIOR (Alfredo), *O Bandeirismo na economia do Século 17*, em "Curso de Bandeirologia", citado, pág. 75.

tamente desta nova fase que resultou o maior número de vilas, futuras cidades.

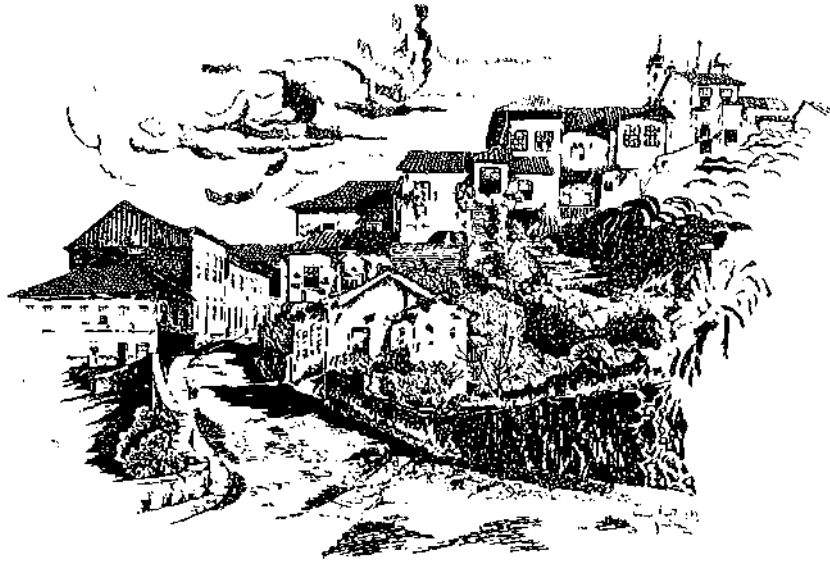
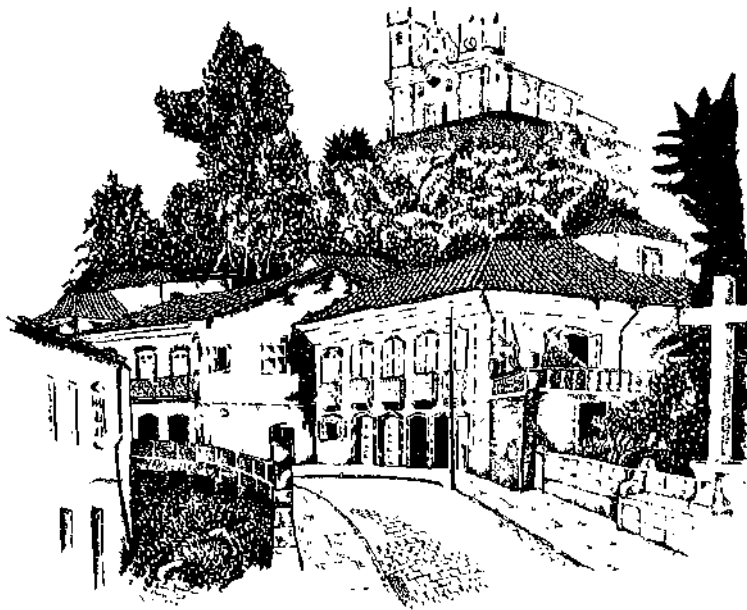
As três mais antigas vilas de Minas-Gerais, cidades de hoje, tiveram por origem arraiais fundados nos derradeiros anos do seiscentismo (1696-98): a *Vila Leal de Nossa Senhora do Carmo*, oriunda do Arraial do Ribeirão do Carmo, elevada à categoria de cidade em 1745, com o nome de Mariana; a *Vila Rica*, surgida da fusão dos arraiais do Ouro Preto e de Antônio Dias, feita cidade em 1823, sob o nome de Ouro Preto; e a *Vila Real de Sabará*, nascida do Arraial da Igreja Grande — tôdas as três elevadas à categoria de vilas no mesmo ano de 1711.

Da mesma maneira, ainda em Minas-Gerais, vieram a florescer inúmeros outros arraiais, transformados em vilas durante o setecentismo:

- 1712 — *São João del-Rei*, antigo Arraial do Rio das Mortes;
- 1714 — *Vila do Príncipe*, atual cidade do Sêro;
- 1714 — *Vila Nova da Rainha do Cacté do Mato Dentro*, atual Caeté;
- 1715 — *Vila Nova do Infante*, atual Pitanguí;
- 1718 — *São José del-Rei*, antigo Arraial da Ponta do Morro, atual Tiradentes;
- 1730 — *Vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso das Minas do Fanado*, atual Minas Novas;
- 1789 — *Itapeçerica*, antigo Arraial de São Bento do Tamandúá;
- 1790 — *Vila Real de Queluz*, atual Conselheiro Lafaiete;
- 1791 — *Barbacena*, antigo Arraial da Igreja Nova;
- 1798 — *Vila da Princesa da Beira*, antigo Arraial de Santo Antônio das Minas do Rio Verde, atual Campanha;
- 1798 — *Paracatú do Príncipe*, atual Paracatú (19).

Outros muitos demoraram um pouco mais para alcançar essa almejada posição de destaque político-administrativo, vindo a tornar-se vilas somente no século XIX. É o caso das atuais cidades de *Barão de Cocais* (antiga São João do Morro Grande), *Berilo* (Arraial da Água Suja), *Brasília* (antiga Santana de Contendas), *Chapada* (antiga Santa Cruz da Chapada), *Conceição do Mato Dentro*, *Diamantina* (antigo Arraial de Santo Antônio do Tijuco), *Milho Verde*, *Ouro Branco*, etc.

(19) AZEVEDO (Aroldo de), *Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, Boletim n.º 208 da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1956, págs. 40 a 43.



#### OURO PRETO, RELÍQUIA DO SÉCULO XVIII

Oriunda da aglutinação de dois "arraiais" — o de Ouro Preto e o de Antônio Dias, *Vila Rica* foi elevada a esta categoria em 1711, tal como Mariana e Sabará. Viveu dias agitados, conheceu o ouro a mancheias e cresceu vertiginosamente, em poucas décadas, tendo chegado a abrigar 30 000 hab., quando em plena glória, no século XVIII. Em fins do setecentismo, porém, começou a conhecer o amargor da decadência, chegando mesmo a ser denominada irônica-mente de Vila Pobre... Vivos se tornaram, então, os inconvenientes de seu áspero sítio urbano, com aquele nunca-acabar de morros e de ladeiras íngremes. Mas soube preservar as maravilhas da arte colonial, ali acumuladas no número espantoso de suas Igrejas, em seus chafarizes, suas pontes, seus casarões apalaçados. Quem hoje visita Ouro Preto sente-se, mesmo que o não queira, transportado para o Brasil colonial — conforme muito bem o atestam os desenhos de Luís Jardim, aqui reproduzidos do "Guia de Ouro Preto", de Manuel Bandeira.

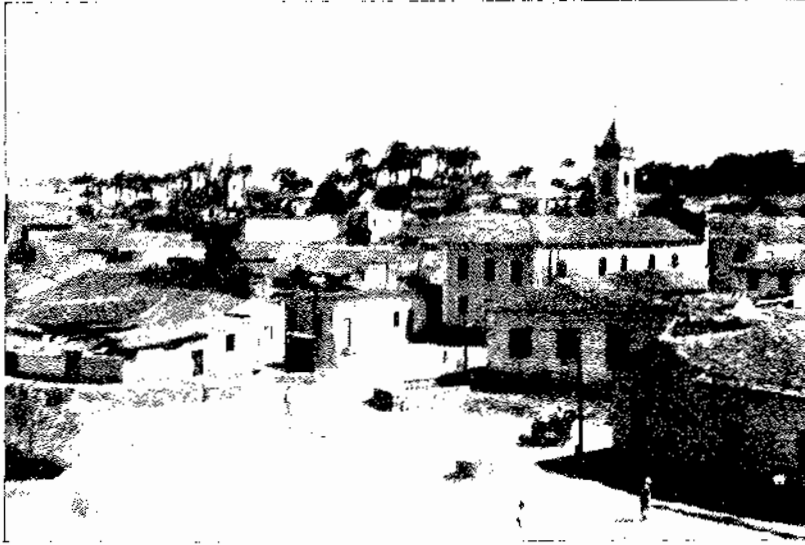
Fora do território mineiro, dois expressivos exemplos podem ser destacados, “duas cidades que mais fielmente espelham de genuína filiação do Bandeirismo” — na frase de VIRGÍLIO CORREIA FILHO (20), porque não tiveram “mescla nenhuma de influência governativa”: *Cuiabá*, capital de Mato-Grosso, surgida do arraial formado junto ao córrego da Prainha (1719), onde se encontrou uma das mais espetaculares manchas auríferas dos tempos coloniais, feita *Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá* em 1727 e elevada à categoria de cidade no ano de 1818; e *Goiás*, antiga capital do Estado dêste nome, que se originou do Arraial de Santana, instalado às margens do ribeirão Vermelho (1727), feita *Vila Boa* em 1736 e elevada à categoria de cidade também em 1818.

Tais exemplos, contudo, podem ser multiplicados, pois encontramos-os nessas e noutras áreas do país: na Bahia — o Arraial da Conquista, atual *Vitória da Conquista*; em São Paulo — o Arraial de Santo Antônio das Minas do Apiaí, atual *Apiaí*; em Goiás — os arraiais de Corumbá (*Corumbá de Goiás*), de Santa Luzia (*Luziânia*), da Meia Ponte (*Pirenópolis*), de Santa Cruz (*Pires do Rio*), do Bonfim (*Silvânia*), das Abóboras (*Rio Verde*), da Natividade da Mãe de Deus (*Natividade*), do Pôrto Real (Pôrto Imperial, *Pôrto Nacional*), de Jaraguá, etc.; em Mato-Grosso — os arraiais de Benipoconé (São Pedro del-Rei, hoje *Poconé*), de São José dos Cocais (*Nossa Senhora do Livramento*), do Alto Paraguai Diamantino (*Diamantino*), do Rosário (*Rosário Oeste*), etc. (21).

O que sucedeu nas áreas de exploração do ouro, nas últimas décadas do século XVII e no dealbar do século XVIII, registrou-se (como bem se pode perceber pelos exemplos citados) nas lavras diamantíferas, em meados do setecentismo e também mais tarde, se bem que, sem dúvida alguma, em proporções sensivelmente menores. Ainda uma vez, Minas-Gerais aparece na vanguarda dêsse movimento povoador; e o fato se registrou, de início, na região situada ao norte do Sêrro Frio, onde já existiam muitos arraiais nascidos da atividade aurífera, entre os quais se destacava o já mencionado Arraial de Santo Antônio do Tijuco, a atual cidade de *Diamantina*. Depois da descoberta dos diamantes, entretanto, brotaram em suas vizinhanças “arraiais numerosos, que iam crescendo na população e riqueza, existindo em 1732 com grande fama os da Chapada, Rio

(20) CORREIA FILHO (Virgílio), obra citada, pág. 48.

(21) Cf. AZEVEDO (Aroldo de), *Embriões de cidades brasileiras*, em “Boletim Paulista de Geografia”, n.º 25, São Paulo, março de 1957, pág. 49.



#### CUIABÁ, CAPITAL DE MATO-GROSSO

No alto, vista parcial da cidade em 1953, vendo-se no primeiro plano o local onde surgiu o arraial que lhe deu origem, às margens do córrego da Prainha. Em baixo, uma rua tortuosa da parte mais antiga da capital matogrossense. (Fotos do autor).



Manso, São Gonçalo, Gouveia, Andrequicé, Milho Verde, Inhaí e Mendanha" (22), além de muitos outros povoados menores.

Por isso tudo, não se pode deixar de constatar — como bem notou FERNANDO DE AZEVEDO —, que foi nas regiões da mineração que se produziu, com maior intensidade, o fenômeno da concentração urbana; nenhuma outra atividade econômica teve, em nosso país, maior influência na criação e no desenvolvimento das cidades do interior (23). O fato parece ser indiscutível; e PIERRE DEFONTAINES confirmou-o, com sua autoridade de eminente geógrafo, quando escreveu que "a colonização mineira se apresentou essencialmente sob a forma de uma civilização urbana" (24).

**Os arraiais setecentistas de Minas-Gerais.** — Nossa curiosidade, porém, não se sentiria satisfeita, no âmbito do presente ensaio, se não tentássemos reconstituir, à luz da Geografia Urbana, as características essenciais desses arraiais do Bandeirismo. Tarefa não muito difícil, felizmente, porque os historiadores e intérpretes dessa agitada fase da nossa História oferecem-nos muitos elementos, capazes de proporcionar uma visão bastante razoável de tais embriões de cidades dos tempos coloniais, pelo menos em Minas-Gerais (25).

De início — como é de se prevêr —, os arraiais se instalavam bem junto do local da atividade mineradora; daí se alojaram no fundo dos vales, geralmente na confluência de cursos d'água ou no ponto de convergência das enxurradas, desde que, com estas, vinham de roldão as cubiçadas pepitas de ouro. Em pontos mais altos, nas vizinhanças, em terrenos "realengos" não incluídos nas "datas" concedidas aos mineradores, erguiam-se a modesta capela e as primeiras vendas — "a igreja que era de todos e a venda que era para todos", conforme a expressão feliz de JOÃO CAMILO DE OLIVEIRA TORRES (26).

À proporção que os mineradores subiam pelo leito das torrentes, falcando o ouro das aluviões, ampliava-se paulatinamente o arraial. Não tardava, porém, que se atingisse a imprescindível estabilidade:

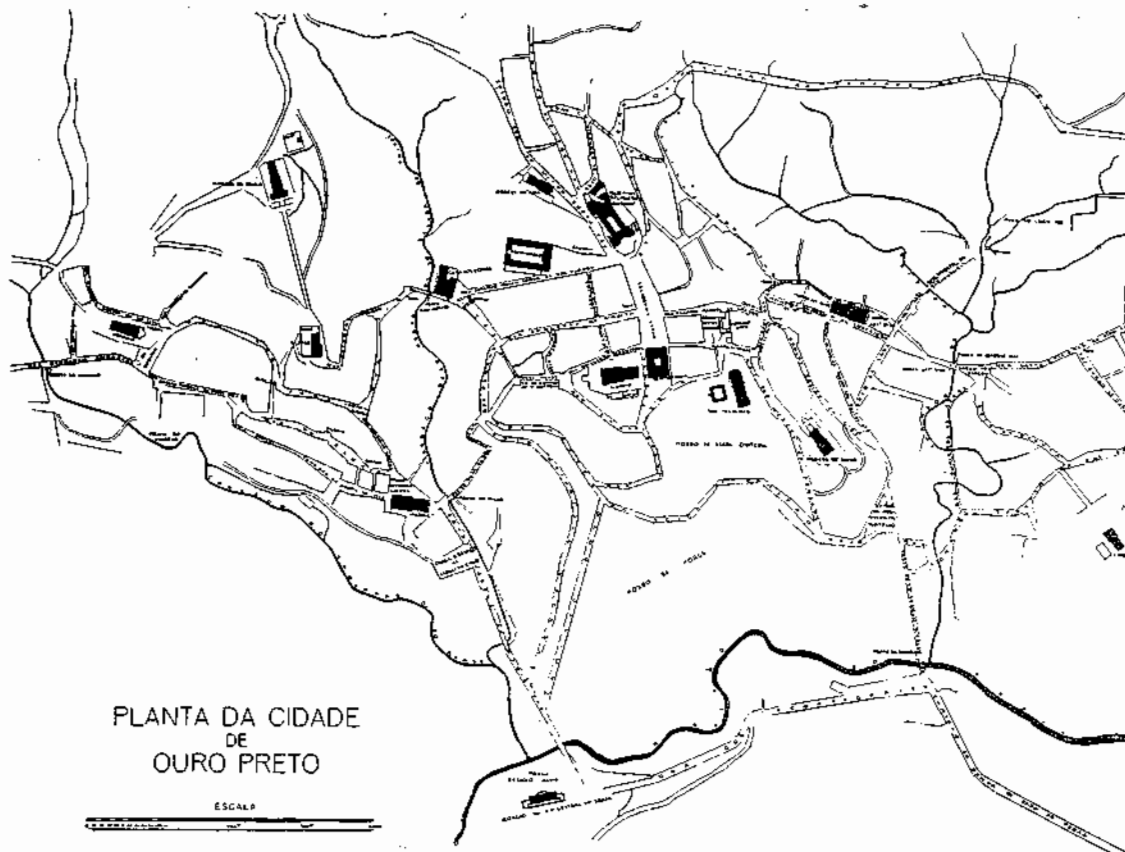
(22) LIMA JÚNIOR (Augusto de), *História dos Diamantes nas Minas-Gerais*, ed. Dois Mundos, Rio de Janeiro-Lisboa, 1946, págs. 17, 18 e 31.

(23) AZEVEDO (Fernando de), *A Cultura Brasileira*, 2.ª edição, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1944, págs. 67 e 69.

(24) DEFONTAINES (Pierre), *Como se constituiu no Brasil a rede das cidades*, in "Boletim Geográfico" do C.N.G., n.º 14, Rio de Janeiro, maio de 1944, pág. 143.

(25) Consultem-se, de preferência: LIMA JÚNIOR (Augusto de), *A Capitania das Minas Gerais* (Suas origens e formação), Lisboa, 1940; LATIF (Mirau de Barros), *As Minas Gerais*, ed. "A Noite" S.A., Rio de Janeiro, s/ data; e TORRES (João Camilo de Oliveira), *O Homem e a Mantanha* (Introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro), Liv. Cultura Brasileira Ltda., Belo-Horizonte, 1944.

(26) TORRES (J.C. Oliveira), obra citada, pág. 55.



PLANTA DA CIDADE  
DE  
OURO PRETO

ESCALA

(Do Guia de Ouro Preto, da MANUEL BANDEIRA, 1938)

isto acontecia quando, exauridos os cascalhos e as areias, começava a exploração do ouro em filões e cada minerador passava a possuir sua mina.

Em consequência, esses velhos arraiais davam a impressão de estar situados no fundo de um poço. Por outro lado, pelo fato de serem geralmente lineares, assemelhavam-se a um caminho ou simples via de passagem, de traçado sinuoso, emparedado pelas habitações. Daí as ruas tortuosas, vencendo com dificuldade o abrupto das encostas, e o casario como que agarrado sobre os morros, num milagre de equilíbrio, tendo seus fundos voltados para o despeñadeiro. "Vistas do rio que corre em baixo, ou da estrada, ao ganhar esta a outra encosta do vale, as povoações tornam-se irreconhecíveis; o casario, de costas, apresenta-se como expondo a sua trama construtiva. São os povoados brasileiros de montanha. São as cidades-fachada, tendo avêso como os bordados" (27).

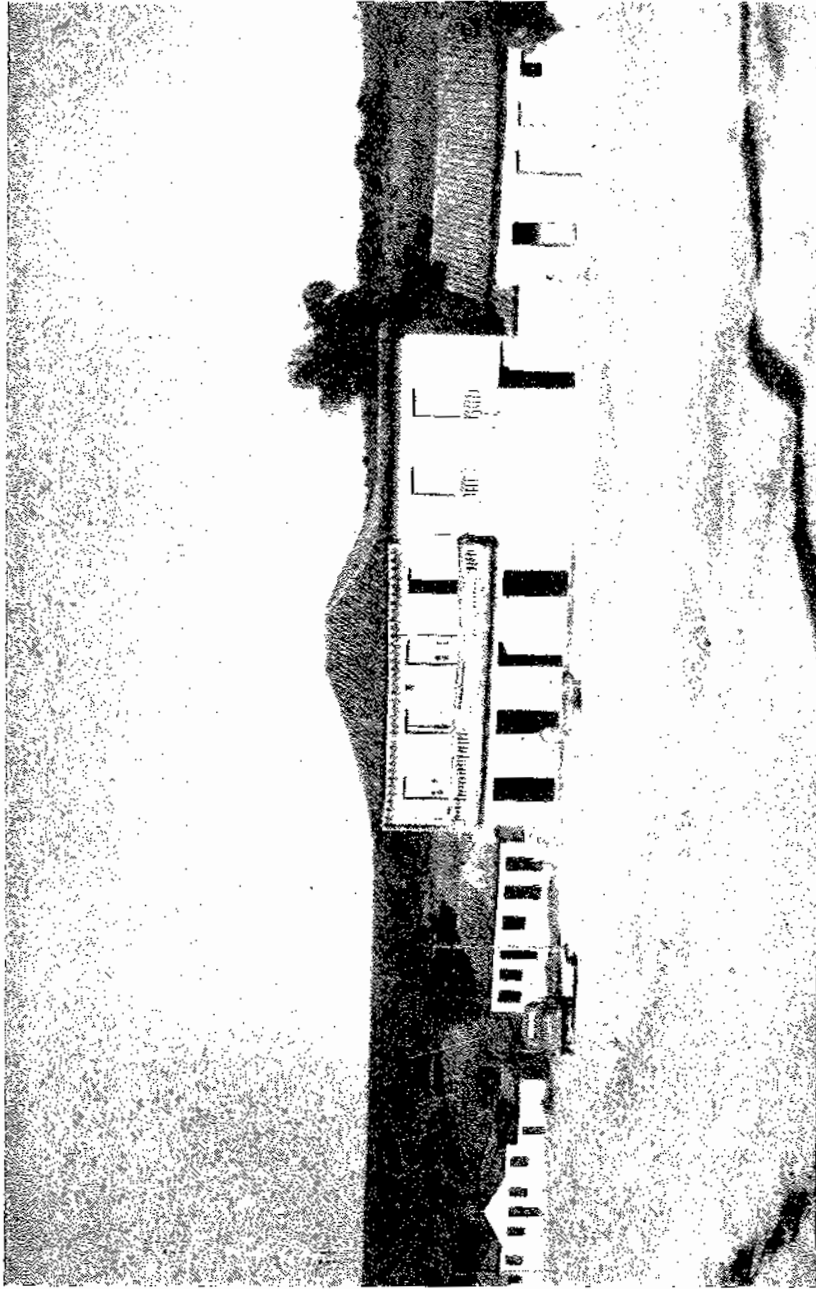
Ao iniciar-se a última década da primeira metade do século XIX, GEORGE GARDNER visitou o arraial de Cocais, não longe da atual cidade de Barão de Cocais, antiga São João do Morro Grande. E deixou-nos preciosa descrição de seu sítio urbano:

"O arraial de Cocais não é somente o mais belo que vi em Minas, mas ainda o mais magnificamente situado. Está edificado no suave declive e no cimo de pequena montanha que se ergue no interior de um semi-círculo formado pela serra, que em alguns lugares se cobre de matas-virgens e em outros é pedregosa e desnuda. Entre o arraial e a serra corre o pequeno rio Una, de pouca água na estação seca. Ao longo de suas margens, em considerável extensão, o solo foi por toda parte escavado e lavado em busca de ouro e estas operações ainda agora se fazem. Longe de dar a aparência de ruína e decadência, que apresentavam outros lugarejos havia pouco percorridos, aqui as casas eram todas caiadas, com ar de asseio e elegância, encravadas em pequenos pomares de laranjeiras, coqueiros, bananeiras e outras árvores frutíferas. A igreja salienta-se, conspicua, entre as demais construções, cercada de altas palmeiras que dão àquele sítio uns ares verdadeiramente tropicais." (28)

Todavia, nem sempre os arraiais da mineração provocaram depoimentos tão favoráveis como o que vimos de citar. Muito pelo contrário, a impropriedade do sítio urbano, pelo atormentado de sua topografia e pela impossibilidade de instalação de serviços vitais, constituiu a regra. Ao visitar o arraial da Meia Ponte, atual Pirenópolis (Goiás), no primeiro quartel do oitocentismo, LUÍS D'ALINCOURT ficou vivamente impressionado com a falta de senso comum daqueles que escolhiam o sítio de tais povoados; e fez a se-

(27) LATIF (Miran de Barros), obra citada, págs. 124-125.

(28) GARDNER (George), *Viajens no Brasil* (Principalmente nas Províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841), tradução de Albertino Pinheiro, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1942, págs. 406-407.



LUZIANIA (GOIÁS): VELHOS SOBRADOS

A atual Luziânia foi, durante muito tempo, o *Arraial de Santa Luzia*, largamente referida pelos viajantes que percorreram o Sul de Goiás, durante o século XIX. (Foto Somlo, C. N. G.).

guinte observação, que bem pode ser aplicada à grande maioria dos arraiais do Bandeirismo:

"É notável o mau gosto e nenhum desvêlo, que punham os antigos na fundação dos lugares auríferos, no que bem mostraram que só o ouro formava o seu alvo e que tudo o mais era nada, em presença de tão precioso ídolo! Por isso, é que sempre davam princípio às povoações o mais perto possível do sítio em que mineravam; importando-lhes pouco a irregularidade do terreno, das ruas e edifícios, ainda que próximo houvesse melhor local: assim teve conêço, junto ao rio das Almas, que ainda é pequeno, o arraial de Meia-Ponte; e até por um capricho mal entendido, edificaram a Matriz no pior sítio do largo em que existe, com frontespício voltado para o máximo declive do mesmo largo, e os fundos que estão em uma cova, para a parte mais espaçosa; o que executaram só para que o templo ficasse próximo à casa do que tinha concorrido com maior quantia para a sua fundação; o que desta sorte se exigiu. Tóda a parte do arraial, que está ao setentrão da Matriz, é a pior situada, com as ruas dispostas sem ordem, nem uniformidade, em suas larguras; a outra parte, que fica ao meio-dia da mesma Igreja, ocupa terreno mais regular, e as ruas são largas e dircitas; porém menos povoadas, à exceção da Nova." (29)

Com o decorrer dos anos, a estrutura de tais aglomerados acabava por se tornar bastante complexa, pois muitas vèzes dois ou mais arraiais confundiam-se num mesmo e único povoado; criada a vila e, depois, a cidade, a lembrança de sua antiga existência como organismo autônomo ficava no nome dos bairros, quando não na rivalidade de seus habitantes, e particularmente nas suas diversas igrejas. A cidade de Sabará, antiga Vila Real de Sabará, resultou da fusão de três arraiais distintos — o da Barra, o da Igreja Velha e o da Igreja Nova, êstes dois últimos reunidos, mais tarde, num só — o Arraial da Igreja Grande. O mesmo aconteceu em Ouro Preto, a famosa Vila Rica, onde ainda hoje se registra a rivalidade entre os velhos arraiais que se uniram, mas que não se confundiram — o de Ouro Preto e o de Antônio Dias (30).

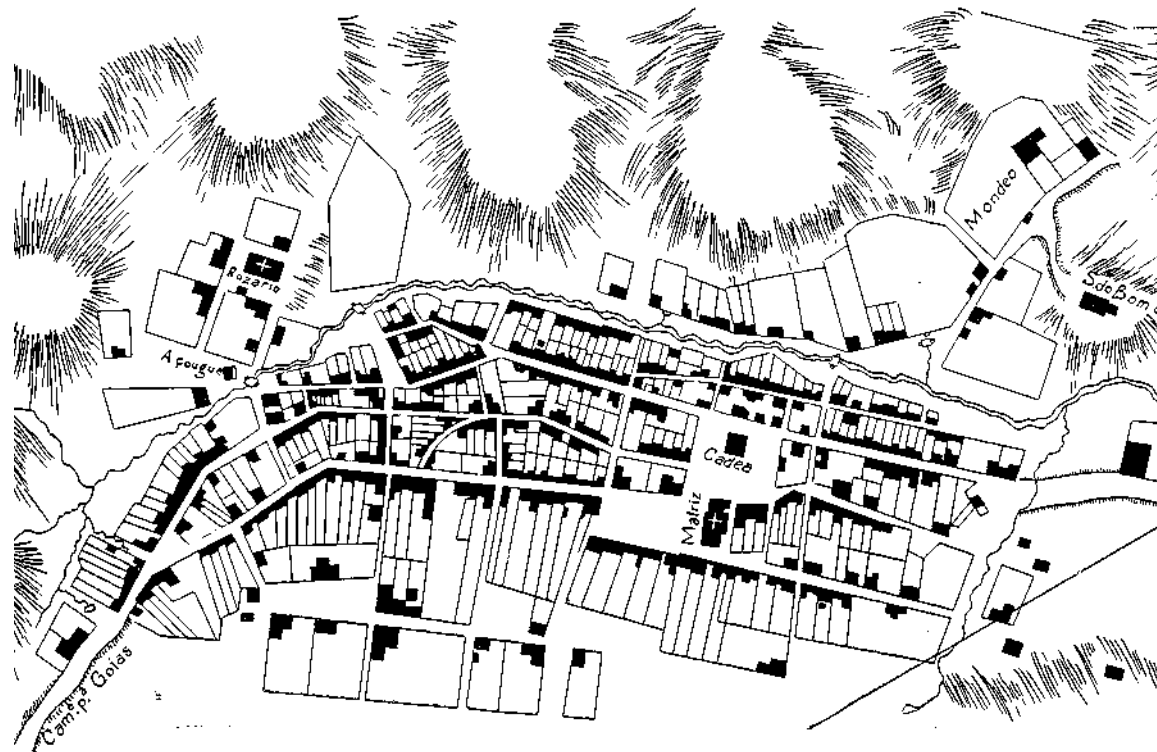
Logo que o povoado se estabilizava, as primitivas casas de taipa e de barrote começavam a ser substituídas por edificações de tijolos ou de pedra, em geral assobradadas; mas os materiais de construção eram muito escassos, pois a região não podia fornecer cal e aquela gente, na ânsia de extrair o ouro ou as pedras, não se dispunha a dedicar-se à fabricação de tijolos e de telhas (31). Depois apareceram os grandes e majestosos sobrados, com suas fachadas bem em contato com as ruas e em cujo pavimento térreo se localizavam, muitas vèzes, as lojas dos burgueses afidalgados (32).

(29) D'ALINCOURT (Luis), *Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá*, Liv. Martins, São Paulo, 1953, págs. 89-90.

(30) Cf. TORRES (J.C. de Oliveira), obra citada, págs. 57, 58 e 68.

(31) "A primeira fábrica de telhas de que encontramos notícia foi a de Mariana, em 1713" — informa AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO, obra citada, pág. 89.

(32) Para detalhes a respeito do sobradão mineiro, convém consultar: TORRES (J.C. de Oliveira), obra citada, págs. 59-60. A respeito das habitações, em geral, consulte-se: LIMA JUNIOR (Augusto de), *A Capitania das Minas Gerais*, págs. 105 a 114.



PLANTA DE CUIABÁ NO SÉCULO XVIII

(Cópia do original que figurou na *Exposição de História* comemorativa do IV centenário da cidade de São Paulo, 1954).

Na pequena massa de sua população (cujo número podia ser de alguns milhares), havia um pouco de tudo.

De início, como é natural, a gente das Bandeiras; mas esta raramente se radicava no arraial por ela própria fundado. "Os paulistas geralmente passavam e não ficavam — observa J. C. DE OLIVEIRA TORRES. Descobriam, exploravam, povoavam, mas nunca permaneciam nos lugares que descobriam. Todos os grandes nomes das Bandeiras foram morrer longe do lugar que descobriram ou fundaram. Nenhum cidade mineira conserva os ossos de seus fundadores ou, ao menos, os seus descendentes". (33)

Não tardou, porém, que chegassem os "Emboabas", isto é, os baianos, os aventureiros reinóis e os funcionários de El-Rei. Em menos de um século, cerca de 800 000 pessoas teriam deixado Portugal com destino às Minas Gerais, enchendo de gente suas vilas e seus arraiais. Se aquêles formidável "rush" continuasse — representou ao Rei o Conselho Ultramarino, justamente alarmado — "se despovoará o Reino e, em poucos anos, virá o Brasil a ter tantos vassallos brancos como tem o mesmo Reino"... (34).

Testemunha visual de tais fatos, escreveu ANTONIL ainda na primeira década do século XVIII, no momento exato em que os arraiais brotavam no solo mineiro como cogumelos:

"A sede insaciável do ouro estimulou a tantos a deixarem suas terras e a meterem-se por caminhos tão ásperos, como são os das minas, que dificulosamente se poderá dar conta do número das pessoas, que atualmente lá estão. Contudo, os que assistiram nelas nêstes últimos anos por largo tempo, e as correram tôdas, dizem que mais de 30 000 almas se ocupam, umas em catar, outras em mandar catar nos ribeiros do ouro, e outras em negociar, vendendo e comprando o que se há mister não só para a vida, mas para o regalo, mais que nos portos do mar.

Cada ano vem nas frotas quantidade de Portuguezes e de estrangeiros, para passarem às minas. Das cidades, vilas, recôncavos e sertões do Brasil vão brancos, pardos e pretos, e muitos índios de que os Paulistas se servem. A mistura é de toda a condição de pessoas: homens e mulheres; moços e velhos; pobres e ricos; nobres e plebeus; seculares, clérigos e religiosos de diversos institutos, muito dos quais não têm no Brasil convento nem casa." (35)

Sobretudo os portuguezes — gente cidadina, oficiais mecânicos — fixaram-se nos arraiais. Do mesmo modo, ali se estabeleceram os "cristãos novos" e os negros, êstes últimos introduzidos necessariamente logo que se intensificou a exploração das minas do sub-solo. A predominância dos homens solteiros, entre os recém-vindos, não tardou a ocasionar o aparecimento de um número considerável de mestiços, especialmente mulatos.

(33) TORRES (J.C. de Oliveira), obra citada, pág. 39.

(34) Cf. LIMA JÚNIOR (Augusto de), *A Capitania das Minas Gerais*, pág. 35.

(35) ANTONIL (André João), *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*, Comp. Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 1923, pág. 213.

Era essa, em suma, a população dos arraiais de Minas-Gerais, no decorrer do setecentismo. População heterogênea e flutuante, "homens de toda a casta e de tôdas as partes — uns de cabedal e outros vadios", no dizer de ANTONIL (36), que não conheciam nenhum freio capaz de conter sua ambição e suas paixões, nem quem castigasse seus crimes, "que não são poucos, principalmente os homicídios e os furtos" (37).

A êste propósito, o depoimento do notável Jesuíta assume um valor extraordinário, porque nos oferece uma idéia da vida nos arraiais da mineração, em sua fase pioneira. Os *homens de cabedal* andavam com altivez e arrogância, acompanhados sempre por tropas de espingardeiros, de ânimo pronto para cometerem violências ou tomarem "grandes e estrondosas vinganças", sem temer a justiça d'El-Rei. Entregavam-se largamente ao jôgo e gastavam quantias extraordinárias em superfluidades, comprando um negro trombeteiro por 1 000 cruzados ou "uma mulata de mau trato" por duas vêzes mais, "para multiplicar com ela contínuos e escandalosos pecados". Os *vadios* não perdiam tempo nem faziam força na cata do ouro das aluviões; preferiam tirá-los "dos canudos em que o ajuntam e guardam os que trabalham nas catas", através de furtos e roubos, "de traições lamentáveis e de mortes mais que cruéis" — crimes que ficavam sem castigo, "porque nas minas justiça humana não teve ainda tribunal, nem o respeito de que em outras partes goza" (38).

Mas não era só. Os arraiais haviam surgido mais ou menos de improviso, numa região sabidamente ingrata para as atividades agrícolas, que precisava se abastecer não apenas de alimentos, mas de vestuário e de utensílios.

"Sendo a terra que dá ouro esterilíssima de tudo que há mister para a vida humana e não menos estéril a maior parte dos caminhos das minas, não se pode crêr o que padeceram, ao princípio, os mineiros por falta de mantimentos, achando-se não poucos mortos com uma espiga de milho na mão, sem terem outro sustento" — depõe, ainda uma vez, ANTONIL (39). Os Bandeirantes tinham tido a prudência de semear pequenas roças ao longo de suas perigosas caminhadas. No entanto, quando surgiram os primeiros arraiais e a população se concentrou de maneira espantosa e inesperada, junto das bacias auríferas, surgiu o flagelo da fome, "de uma ironia trágica, em meio de tanto ouro" (40); e aquêles homens, iso-

(36) ANTONIL (André João), obra citada, pág. 260.

(37) ANTONIL (André João), obra citada, pág. 213.

(38) ANTONIL (André João), obra citada, págs. 260-261.

(39) ANTONIL (André João), obra citada, pág. 217.

(40) PRADO (Paulo), obra citada, pág. 79.



lados por dezenas e dezenas de léguas dos centros povoados da fachada atlântica, tiveram de se aproveitar "dos mais imundos animais" e "sustentaram-se com os frutos agrestes" que podiam encontrar naqueles matos ralos (41).

Foi somente em pleno século XVIII que a situação veio a se normalizar, neste particular, com o estabelecimento de *plantações* diversas, embora seja evidentemente exagerada a informação de Monsenhor PIZARRO quando diz que "os campos lavrados pelos colonos novos principiaram a dar-lhes frutos úteis, compensando a trabalhosa cultura com produções excessivamente avultadas" (42). Chegou a se formar, em tórno da região aurífera, até mesmo um "cinturão pecuarista" (43).

Assim eram ou deveriam ter sido os arraiais setecentistas de Minas-Gerais, nas peculiaridades de seu sítio e de sua estrutura urbana, de sua população e de seus problemas.

**As corrutelas, réplicas modernas dos arraiais do Bandeirismo.** — Toda essa reconstituição de uma paisagem do passado, que tentamos esboçar em suas linhas mestras, talvez só pudesse interessar à Geografia Urbana retrospectiva do nosso país não fóra o fato de termos hoje, ante os olhos, nas chamadas *corrutelas* das regiões diamantíferas do Brasil Central uma réplica perfeita do papel representado e das características essenciais dos arraiais do Bandeirismo. Na verdade, quem desejar compreender, com exatidão e realismo, aqueles núcleos de povoamento dos séculos XVII e XVIII, vivendo sua vida agitada e sentindo seus problemas, não precisa fazer mais do que percorrer os garimpos do alto Araguaia, do rio das Garças e do alto São Lourenço. O espetáculo é um só (44).

Foi na década inicial do século XX que se descobriram os primeiros depósitos diamantíferos do rio das Garças, em terras de Mato-Grosso. Entretanto, coube à década de 1920-30 assistir

(41) PRADO (Paulo), obra citada, pág. 79.

(42) ARAUJO (José de Souza Azevedo Pizarro e), *Memórias Históricas do Rio de Janeiro* (1820), ed. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1948, vol. 3.º, tomo II, págs. 51-52.

(43) Sobre o assunto, convém consultar: ZEMELIA (Mafalda), *O Abastecimento da Capitania dos Minas Gerais*, Boletim n.º 118 da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1951.

(44) A respeito da *garimpagem* e, especialmente, das *corrutelas*, consultar: RIBEIRO (Luís Salvoia), *Caçadores de Diamantes*, ed. Epasa, Rio de Janeiro, 1945; SILVA (Hermano Ribeiro da), *Garimpos de Mato-Grosso*, ed. J. Fagundes, São Paulo, 1936; FERREIRA (Manoel Rodrigues), *Nos Sertões do lendário Rio das Mortes*, Editora do Brasil, São Paulo, 1946; RUBIM (Rezende), *Reservas de Brasilidade*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1939; PEREIRA (José Veríssimo da Costa), *Garimpeiros*, em "Tipos e Aspectos do Brasil", 6.ª edição, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1956, págs. 426-429.

ao verdadeiro "rush" em busca de diamantes, não só naquela região, como noutros pontos do território matogrossense.

Começaram a surgir, então, as primeiras *corrutelas*. De início, uma simples palhoça, construída bem próximo ao curso d'água, a servir de abrigo ao garimpeiro audacioso; não passavam de "quatro estacas que servem de suporte à cobertura de palha de acuri, babaçú ou burití, formando a parede a mesma palha, ou uma estacada"; "depois de certo tempo, alguns dêsses ranchos, com divisões internas simulando quartos, representam maior firmeza nos trabalhos e maior permanência do lavrista nos *mouchões* de escavações mineiras". "Portas, se existem, não passam de uma para cada abrigo, e são de tábuas de caixa de querosene. Basta, porém, um cordão prêso entre duas estacas de entrada para simbolizá-la, e este cordão estendido é como se fossem baionetas ensarilhadas" (45).

Depois, outras palhoças dêsse tipo ou, mesmo, casas de harrote apareciam, dando nascimento às primeiras e incipientes ruas, tortuosas e de largura desigual. Algumas vêzes, trabalhando na garimpagem, "esbarra-se com essas mesmas casas, tornando-se preciso demolí-las"; "em mutações sucessivas, as residências se erguem em pouco, emparedadas com adobes e tijolos e recobertas de telhas" (46). Estava formado o povoado.

Por que motivo recebem tais aglomerados o nome de *corrutelas*? LUÍS SABÓIA RIBEIRO responde a esta pergunta, afirmando que "significa o lugar da corrupção dos costumes", uma vez que para ali convergem aventureiros de toda espécie, gente cheia de vícios e de pecados (47). É bem possível que tenha sido esta a origem do vocábulo, hoje já reconhecido como brasileirismo pelos nossos dicionaristas e utilizado como sinônimo de povoação de garimpeiros (48).

Não resta dúvida que um dos principais característicos da *corrutela* consiste na heterogeneidade e mobilidade de sua *população*. Desde a descoberta dos depósitos diamantíferos, grande tem sido o número de sertanejos da Bahia e do Nordeste que se dedicam à garimpagem; mas, a seu lado, também aparecem muitos índios mansos e gente da mais variada procedência, cujos antecedentes são incertos ou criminosos.

Todavia, o *garimpeiro* habitante das *corrutelas*, mesmo que haja sido um criminoso, possui qualidades que o enobrecem, tais como o amor à liberdade, o sentimento de solidariedade e desvêlo

(45) RIBEIRO (Luís Sabóia), *Caçadores de Diamantes*, pág. 74.

(46) RIBEIRO (Luís Sabóia), obra citada, pág. 74.

(47) RIBEIRO (Luís Sabóia), obra citada, págs. 73 e 296.

(48) Cf. SOUZA (Bernardino José de), *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*; DIVERSOS, *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*; VIOTTI (M.), *Dicionário da Gíria Brasileira*, Editora Universitária Ltda., São Paulo, 1945.

à família, o respeito à propriedade alheia, o singular conceito de honra — que surgem a par com a obstinação pela riqueza fácil, o espírito permanentemente aventureiro, as superstições, as vaidades exacerbadas e as vinditas sangrentas (49). Nenhum deles costuma fixar-se por muito tempo em determinada corrutela; constituem uma população flutuante. Por isso mesmo, “se elês têm notícia de que a 50 ou 500 km dali o diamante está sendo encontrado, abandonam tudo imediatamente e, com suas famílias, deslocam-se para lá a pé ou em embarcações” (50); e a corrutela pode ficar deserta, do dia para a noite...

Em contato permanente com essa heterogênea população de rudes garimpeiros, encontram-se os que servem de intermediários entre eles e as firmas exportadoras ou lapidadoras de diamantes: são os *capangueiros*, que em geral realizam negócios de grande vulto (51), ou os *faisqueiros*, mais modestos em suas compras, “quase sempre agentes de grande comprador regional” (52).

Fora do trabalho pesado da garimpagem e das prolongadas negociações que se fazem em tórno dos diamantes encontrados, toda essa gente alinha-se entre os frequentadores habituais dos numerosos *bolichos* do lugarejo, isto é, suas pequenas vendas, onde a aguardente é rainha — pequenos botequins (em tão grande número, que chegam a dar a impressão que, para cada habitação, existe um), onde também se vendem rapaduras, cigarros, pentes e canivetes (53).

À noite, não deixam de comparecer ao *fecha-nunca*, miserável local de diversão, verdadeira e grotêsca caricatura dos cabarês das grandes cidades, onde se reúnem as prostitutas caboclas e os tireteios são acontecimentos mais ou menos banais.

Trata-se de “uma instituição obrigatória, representando para o garimpeiro poderoso chamariz, em cujo chão batido, reservado para as danças, acotovelam-se dezenas de pares, num bamboleio à guisa de bailado, com rápidos volteios, misto de muitas danças, porém inconfundível, e é o mesmo gingar quer se trate dum samba, “fox” ou catira, enquanto a sanfona emite frases compassadas acompanhada por violões e cavaquinhos incansáveis noite a dentro.

(49) FERREIRA (José Veríssimo da Costa), *Garimpeiro*, em “Tipos e Aspectos do Brasil”, pág. 426.

(50) FERREIRA (Manoel Rodrigues), *Nos Sertões do lendário Rio das Mortes*, pág. 55.

(51) “A palavra *capangueiro* provém de uma bolsa ampla de couro — *capanga*, outrora indispensável, porém hoje em desuso, trazida a tiracolo, tendo por utilidade a guarda dos utensílios de compra, balança-portátil, dinheiro, lente e picuá, em que se guardavam os diamantes comprados, à medida que percorriam os garimpos” — RIBEIRO (Luís Salóia), obra citada, págs. 167-168.

(52) RIBEIRO (Luís Salóia), obra citada, pág. 168.

(53) FERREIRA (Manoel Rodrigues), obra citada, pág. 56.



## POXOREU (MATO-GROSSO)

A antiga corrutela transformouse numa das "capitais" da região diamantífera de Mato-Grosso. Sua estrutura urbana está condicionada, até hoje, às características de seu sítio urbano ingrato e atormentado. (Foto Faludi, C. N. G.).

Pinga, cerveja, quinado são largamente bebidos e mesmo derramados, numa demonstração explícita da força do dinheiro. O "38" é o efeito singular, completado pela cartucheira pendente da cintura do homem que se diverte. O fumo volteia pelo salão, tolda os ares impregnados fortemente pelos perfumes das damas e suor dos dansarinos arrebatados.

Como apêndice do fecha-nunca, coloca-se a *sala de jôgo* de variadas espécies, em funções simultâneas, espalhados por algumas mêsas. O jôgo é outra tentação a que não se pode furtar um verdadeiro garimpeiro. É o termômetro do progresso regional, índice exato dos movimentos dos *monchões* e uma das mais lucrativas indústrias dos povoados". (54)

Mas, "de mistura com o movimento da noite, ouvem-se, de espaço a espaço, tiros disparados para o ar, ecoando nas fraldas dos morros, constituindo um esporte essencialmente típico da vida lavrista. Quem não estiver acostumado a semelhantes manifestações pirotécnicas se apavora e, digamos sinceramente, com alguma razão. Os desascostumados a tiroteios de brincadeira acordam sobressaltados, ouvindo o sibilar das balas que rasgam o espaço por cima da choupana em que se abrigam, pois estas não oferecem proteção alguma contra transviado projétil. Em breve, dormirá sossegado em meio da fuzilaria, porque com o convívio não estranhará o barulho noturno." (55)

**Corrutelas de ontem, cidades de hoje.** — A corrutela — escreveu JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA — "é um aglomerado de habitações que se transforma, às vèzes, com milhares de habitantes, numa cidade humilde, mas organizada" (56). Entretanto, de cidade "humilde" muitas antigas corrutelas vieram a se transformar em cidades de importância, local e regional, chegando mesmo algumas delas a tornarem-se verdadeiras "capitais" regionais, ao redor das quais se localizam numerosas corrutelas menores, como se fossem satélites seus.

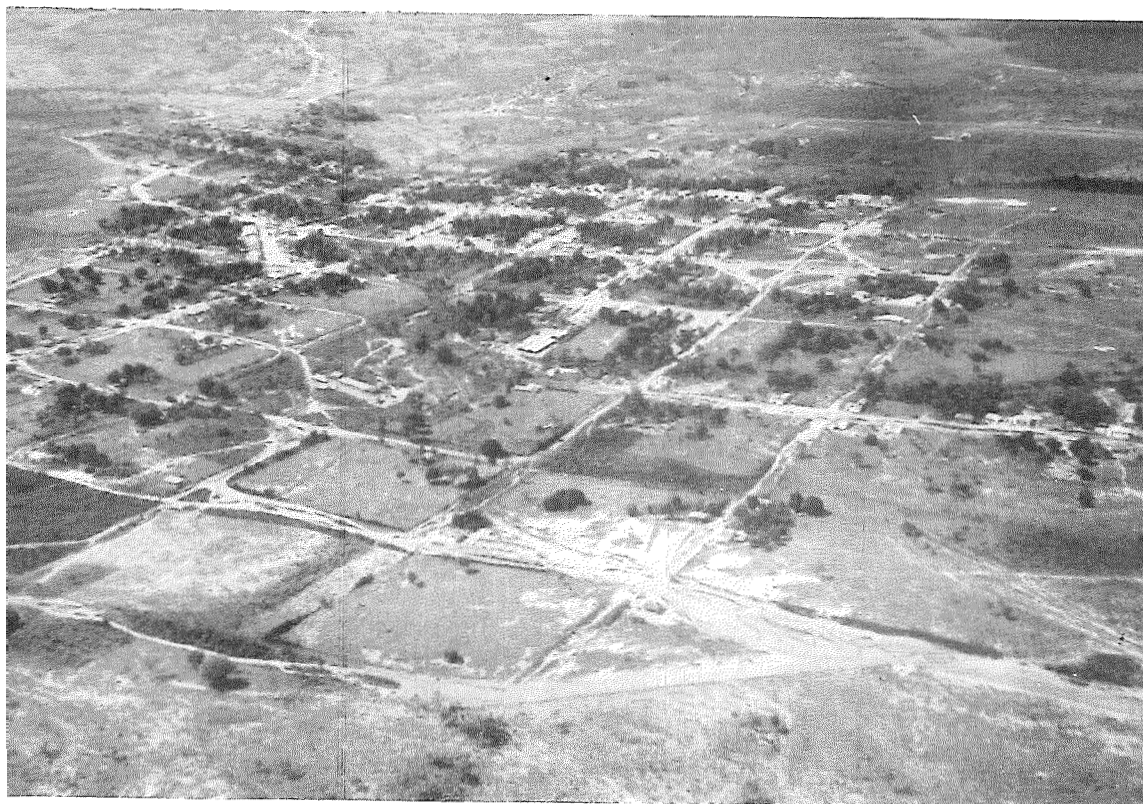
No alto Araguaia, encontramos hoje a cidade de *Balisa*, surgida em 1926 à margem direita do grande rio, como simples corrutela. Embora situada em território de Goiás, tem um prolongamento na margem matogrossense — *Balizinha*. Teria, em 1945, cerca de 300 construções de alvenaria e abastecia, com seus "holichos", nada menos de 3 000 garimpeiros (57). O censo de 1950 registrou uma população municipal de cerca de 12 000 habitantes.

(54) RIBEIRO (Luís Sabóia), obra citada, págs. 77-78.

(55) RIBEIRO (Luís Sabóia), obra citada, pág. 82.

(56) PEREIRA (J. Veríssimo da Costa), obra citada, pág. 428.

(57) RIBEIRO (Luís Sabóia), obra citada, págs. 64-67.



GUIRATINGA (MATO-GROSSO)

Na atual cidade de Guiratinga, pouco resta da movimentada corrutela de *Lajcado*, rival de Poxoreu,  
(Foto Faludi, C. N. G.),

Na região do rio das Garças, *Guiratinga* aparece em posição preeminente, já tendo sido mesmo considerada a "capital" dos garimpos. Surgiu na década de 1920-30, sob o nome de *Lajeado*, em local mal escolhido pela falta de água potável, mas bem situado por se encontrar numa encruzilhada de caminhos que levam aos garimpos dessa porção do território de Mato-Grosso. Daí a importância de sua função comercial. É hoje a sede de um município, cuja população, em 1950, orçava por 20 000 habitantes. Perdeu suas características de corrutela, possuindo ruas amplas, numerosas habitações de tijolos e muitas vantagens típicas de nossas pequenas cidades. Por volta de 1945, era o centro para onde convergiam para mais de 20 000 garimpeiros, lavradores e criadores; e, sob sua influência, numerosas corrutelas "satélites" vieram a surgir: *Tesouro* (hoje também sede municipal), *Cassununga*, *Café*, *Alcantilado*, etc. (58).

No alto São Lourenço, aparece com idêntica importância a cidade de *Povoreu*, corrutela surgida em 1924 às margens do rio Poguba e ao pé do morro da Mesa. Rivaliza com Guiratinga como mercado regional do comércio de diamantes e, em 1950, tinha mais de 22 000 habitantes em sua área municipal. Embora haja perdido suas características de corrutela, conserva de suas origens todos os inconvenientes de um sítio impróprio para um aglomerado urbano: acha-se no fundo de um vale em garganta, mal batido pelo vento, onde o calor é intenso durante o dia e a temperatura cai violentamente durante a noite (59).

E o mesmo aconteceu, em proporções variáveis, com outras muitas corrutelas de Goiás e de Mato-Grosso, entre as quais queremos apenas destacar *Santa Rita do Araguaia* e *Aragarças*, ambas situadas em território goiano, transformadas em sedes municipais na presente década. *Aragarças*, por exemplo, surgiu de uma corrutela estabelecida na confluência do rio Araguaia com o rio das Garças (o que justifica seu nome). As choças e casinholas dos garimpeiros alinham-se às margens do Araguaia, tanto na margem goiana como na matogrossense, "numa espécie de longa avenida de choças cobertas de folhas de palmeiras", que "lembra um longo T, com dois braços irregulares, tortuosamente arruados, ao longo do qual se alinham mais de três centenas de palhoças miseráveis". "O centro da corrutela localiza-se exatamente na rua terminal, onde as habitações possuem seus quintais limitados pelas barrancas arenosas do Araguaia. Ali estão as três principais e humildes pensões de garimpeiros, além de uns poucos armazéns e lojas. Aí fazem

(58) RIBEIRO (Luís Sabóia), obra citada, págs. 67-70.

(59) RIBEIRO (Luís Sabóia), obra citada, págs. 70-71.

ponto final os caminhões de Uberlândia e os carros de bois das redondezas. Uma grande mistura de casinholas de palha, de páua-pique e de tijolos, dá um sentido de acampamento em vias de transformação para o rumoroso "centrinho" de Aragarças. Uma capelinha, por demais singela, é a igreja atual do vilarejo" (60), hoje sede municipal, cujo rápido desenvolvimento deve-se principalmente à presença das instalações modernas erguidas por iniciativa da "Fundação Brasil-Central", sôbre vasta esplanada levemente ondulada, a escapo das inundações do Araguaia.

Em suas origens, nas características de sua estrutura e de sua população, como na rapidez de seu crescimento, as corrutelas constituem, sem a menor dúvida, as réplicas modernas dos arraiais do Bandeirismo. Muitas desapareceram sem deixar sinais de sua presença. Outras muitas, porém, fixaram-se para sempre, transformando-se, em apenas duas ou três décadas, de simples aglomerado de palhoças miseráveis e provisórias, em vilas movimentadas ou pequenas cidades, sedes de municípios populosos. É que, na realidade, a História se repete em seus fatos essenciais, embora diversos sejam os palcos e diferentes seus personagens.

(60) AB'SÁBER (Aziz Nacib) e COSTA JÚNIOR (Miguel). *O Sudoeste Goiano*, em "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", volume III, tomo I (1948), São Paulo, 1953, págs. 165 e 212.